

AS REPRESENTAÇÕES DOS IDOSOS SOBRE A AIDS

Aline Oliveira Silva; Maria das Dores Saraiva de Loreto; Adriana Miranda de Vasconcelos

Universidade Federal de Viçosa

aline.o.silva@ufv.br

FAPEMIG¹

RESUMO

O aumento da incidência da AIDS na população idosa cresce como em nenhuma outra faixa etária, emergindo como um desafio para o Brasil, no sentido de estabelecer políticas públicas e estratégias que garantam o alcance das medidas preventivas e a melhoria da qualidade de vida desse grupo populacional. Assim, o objetivo desse trabalho foi analisar as representações dos idosos sobre a AIDS. Metodologicamente foi feito uso da entrevista semiestruturada e do Teste de Associação Livre de Palavras (TALP). A população pesquisada constituída de homens e mulheres idosos, que frequentam o Programa Municipal da Terceira Idade (PMTI), no município de Viçosa/MG. Os resultados evidenciaram que os idosos entrevistados associam a palavra AIDS, na maioria das vezes, a representações negativas; além disso, foi possível perceber a crença errônea de alguns de que somente os jovens estão mais vulneráveis a adquirir a doença. Conclui-se que as representações estão entrelaçadas com a historicidade e com valores socioculturais, dentro de uma consciência de perdas, morte e ausência de prevenção.

PALAVRAS-CHAVE: Idoso, AIDS, Representações Sociais.

ABSTRACT

The increased incidence of AIDS in the elderly population grows as in any other age group, emerging as a challenge for Brazil, to establish public policies and strategies to ensure the achievement of preventive measures and improving the quality of live of this population group. So, the aim of this study was to analyze the elderly representations about Aids. Methodologically it was made use of semi-structured interview and the Free Association Test Words (TALP). The research population consisted of elderly men and women who attend the Municipal Programme for the Elderly (PMTI), in Viçosa/MG. The results showed that the elderly respondents associate the word AIDS, most often, the negative representations; furthermore, it was revealed the erroneous belief of some that only young people are more vulnerable to acquiring the disease. It concludes that the representations are intertwined with the historicity and socio-cultural values within a conscience of losses, death and lack of prevention.

KEYWORDS: Elderly, AIDS, Social Representations.

¹A participação da autora e das co-autoras deste artigo no IV Congresso Internacional de Envelhecimento Humano tem o apoio da FAPEMIG – Fundação de Amparo à Pesquisa de Minas Gerais.

INTRODUÇÃO

A contaminação pelo vírus da imunodeficiência humana (HIV) é mundialmente prevalente e tem se intensificado nas últimas décadas, principalmente na população acima dos 50 anos. No Brasil, desde o início da epidemia, em 1980, até junho de 2011, foram registrados 608.230 casos de AIDS¹.

Segundo Santos e Assis², o aumento da incidência da AIDS na população idosa tem sido crescente, emergindo como um desafio para o Brasil, em termos do agendamento e implementação de políticas públicas, que promovam medidas preventivas e redução da doença.

A AIDS deixou de ser uma doença de segmentos populacionais sob particular risco, disseminando-se para a população em geral³. Dois fatores podem estar relacionados ao aumento crescente dos casos de AIDS em idades mais avançadas: o primeiro se deve àqueles idosos que possuem, entre outros fatores, mais recursos, o que contribui para o acesso aos prazeres e serviços disponíveis, permitindo vida sexual mais ativa; enquanto a existência de tabu sobre a sexualidade na terceira idade seria o segundo fator⁴. Ou seja, é enganoso pensar que as pessoas idosas não possuem atividade sexual e não fazem uso de drogas. Assim, de modo geral, estas pessoas estão menos informadas sobre o HIV e pouco conscientes de como se protegerem.

Dessa forma, um dos desafios para a prevenção da infecção pelo HIV entre os idosos é a crença errônea de que estes não estão em risco de contrair a doença⁵. Nesse contexto o problema em questão está centrado não somente no aumento da incidência da AIDS na população idosa; mas, principalmente, em conhecer as representações dos idosos sobre a AIDS.

Considera-se que a análise das representações dos idosos sobre a AIDS se torna importante, uma vez que a partir de tal conhecimento é possível apreender o real significado que essa doença tem para os idosos, além de verificar se esses idosos se consideram um grupo de risco para a aquisição da doença.

Assim o objetivo desse trabalho foi analisar as representações dos idosos sobre a AIDS.

METODOLOGIA

Para analisar as representações dos idosos sobre a AIDS, foi feito uso da entrevista semiestruturada; que serve de guia para trazer uma série de questões específicas⁶, e do Teste de Associação Livre de Palavras (TALP). O estudo foi realizado junto aos idosos do Programa Municipal da Terceira Idade (PMTI), que se localiza no município de Viçosa/MG. Atualmente o PMTI conta com mais de 2000 idosos cadastrados, os quais podem participar das diversas ações desenvolvidas pelo programa; embora, o número de idosos assíduos chega a ser 1/3 desse total.

A população estudada foi constituída de homens e mulheres idosos, residentes no município de Viçosa/MG, que freqüentam o PMTI, com faixa etária a partir de 60 anos. Dessa população, foi selecionada uma amostra de 20 idosos com o intuito de examinar as suas representações sobre a AIDS. Essa amostra foi selecionada de forma aleatória, levando em consideração a vontade dos idosos em participarem do estudo e o número de idosos que frequentava, o PMTI durante o período das entrevistas. A análise das entrevistas foi baseada na técnica de análise qualitativa de conteúdo.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Dos 20 idosos entrevistados, constatou-se que 17 eram do sexo feminino e 3 do sexo masculino. Essa diferença no número de homens e mulheres se deu principalmente devido ao maior número de mulheres idosas que freqüentam o PMTI.

A princípio foi abordado o tema da AIDS com a seguinte pergunta: “Você já ouviu falar sobre a AIDS?”, sendo respondido sim por 100% dos entrevistados. Em seguida foi questionado aos entrevistados “O que lhe vem à cabeça quando eu digo a palavra AIDS?”. Levando em consideração a repetição das palavras ditas pelos entrevistados, as que apareceram com maior freqüência foram: Doença ou Doença sem Cura (15), Doença que Pega ou Transmissão (5), Cuidados (4), Coisa Ruim (2) e as outras palavras relatadas foram citadas uma única vez.

O Quadro 1, abaixo especificado mostra as representações sobre a AIDS, positivas e negativas, relatadas pelos entrevistados. De um modo geral, os idosos entrevistados associam a palavra AIDS, a representações negativas. Dessa forma, embora a AIDS tenha sido incorporada

como uma doença, que pode ser controlada e pode fazer parte da vida cotidiana das pessoas infectadas, desde o seu surgimento desperta na sociedade medo e “fantasmas”, levando quase sempre à discriminação e desprezo da pessoa portadora do vírus, o que se reflete em solidão e tristeza⁷.

QUADRO 1 – As Representações dos Idosos sobre a AIDS, Viçosa/MG.

POSITIVAS	NEGATIVAS
<p>REMÉDIOS TRATAMENTOS PROCURAR ATENDIMENTO MÉDICO CUIDADOS</p>	<p>DOENÇA DOENÇA SEM CURA DOENÇA QUE PEGA DOENÇA TERRÍVEL TRANFUSÃO DE SANGUE TRANSMISSÃO HOMOSSEXUAL JOVENS AGONIA PAVOR MEDO/HORROR PERIGO MORTE FALTA DE DEUS COISA RUIM PARECIDO COM CANCÊR FALTA DE CONHECIMENTO</p>

FONTE: Dados da Pesquisa (2014).

Em um segundo momento, foi questionado aos participantes da pesquisa “O que lhe vêm à cabeça quando se fala de AIDS na terceira idade?”. Nesse caso, foi possível perceber que as palavras ditas com maior frequência foram: Doença ou Doença sem Cura (8), Morte (7), Como Pegou? (3), Falta de Vergonha (3), Falta de Prevenção (3), Difícil de Imaginar (2), além de outras palavras relatadas apenas uma vez (Quadro 2). Como pode ser observado, os respondentes possuem mais representações negativas sobre a AIDS na terceira idade, associando-a a perdas, morte, falta de responsabilidade e de prevenção. Lôbo⁸ corrobora desse resultado ao relatar que “a AIDS ainda é associada à morte, o que mostra que permanecem as representações cristalizadas no imaginário social”.

QUADRO 2 – As Representações dos Idosos sobre a AIDS na Terceira Idade, Viçosa/MG.

POSITIVAS	NEGATIVAS
<p>TRATAMENTO</p>	<p>MORTE COITADA DA PESSOA FALTA DE RESPONSABILIDADE DIFICIL DE IMAGINAR COISA RUIM COMO PEGOU? PERIGO FALTA DE VERGONHA FALTA DE PREVENÇÃO ESTRANHO MORTE NA CERTA DOENÇA FALTA DE DEUS FALTA DE INFORMAÇÃO PREOCUPAÇÃO TRISTEZA DOENÇA SEM CURA</p>

Fonte: Dados da Pesquisa (2014).

Constatou-se também nas respostas dos idosos certos preconceitos ligados a forma de contágio, sendo que para eles é até mesmo difícil de imaginar um idoso com AIDS. Goffman⁹ esclarece que as pessoas vistas como normais vêem uma pessoa com AIDS com um estigma e os atos empreendidos em relação a ela são bem conhecidos, na medida em que são as respostas que a ação social benevolente tenta suavizar e melhorar. Por definição, é claro, acredita-se que alguém com um estigma não seja completamente humano. Com base nisso, são feitos vários tipos de discriminações, através das quais efetivamente, muitas vezes e sem pensar, reduz-se suas chances de vida. Constrói-se uma teoria do estigma, uma ideologia para explicar a sua inferioridade e dar conta que ela apresenta, racionalizando algumas vezes uma animosidade, baseada em outras diferenças, tais como as de classe social.

A imagem sobre a AIDS está associada às categorias: doença, transmissão, comportamentos, sentimento, conseqüências, pessoas, tratamentos e informação. Esses resultados confirmam o exposto por Silva¹⁰, que relata que, quando nos referimos às

representações sociais sobre as doenças, é possível visualizar diversas representações, do castigo à redenção, passando pela capacidade humana da reabilitação e da cura ou pela irrefutável constatação do inexplicável e do incurável.

Ao serem questionados se uma pessoa idosa também corria o risco de se contaminar com o vírus da AIDS, 100% dos entrevistados responderam que sim, como pode ser visto nas falas abaixo:

“Sim. Hoje é normal né, as pessoas não temem a Deus”. (Entrevistada n° 5, 63 anos).

“Sim é um perigo porque somos todos iguais, tanto jovem como velho corre risco de pegar”. (Entrevistada n°6, 78 anos).

“Sim. Depende do assanhamento, ou se o marido for safado e trair ou ate mesmo pelo sangue”. (Entrevistada n°11, 65 anos).

“Sim, não é porque é idosa que não vai ter a doença e se não cuidar transmite”. (Entrevistada n°12, 67 anos).

“Sim, porque tem que prevenir mesmo sendo idosa, tem que usar preservativo”. (Entrevistada n° 17, 72 anos).

“Sim, todos podem pegar se não prevenir”. (Entrevistada n°14, 71 anos).

Como pode ser observado nos depoimentos, a forma de contágio predominante é a sexual. Esse resultado também foi constatado na pesquisa de Lôbo⁸, que relata que os idosos representam a via de transmissão sexual como à principal forma de contágio do vírus, demonstrando que os mesmos têm certos conhecimentos sobre as formas de contágio da AIDS; porém, pairam determinadas incertezas entre alguns idosos quanto à transmissão por outras formas. Assim, na percepção dos entrevistados, se um idoso não tiver mais relação sexual não correrá risco de adquirir a doença, como pode ser visto no relato a seguir:

“Sim, mas depende da idade, pois dependendo ele não tem mais relação sexual e não vai pegar a doença”. (Entrevistado n°10, 69 anos).

Para um dos idosos, a AIDS na terceira idade não pode ser vista como perigosa, uma vez que o idoso já esta perto de falecer e assim não irá transmitir a doença para outras pessoas. A fala abaixo mostra essa percepção da idosa:

“Sim, o idoso pode pegar também se for uma pessoa assanhada, só que ela pode pegar que não tem perigo não porque já ta na hora de morrer mesmo e não vai passar pra ninguém”. (Entrevistada n°8, 84 anos).

Para os participantes da pesquisa, as conseqüências que a AIDS pode acarretar na vida de um idoso estão ligadas à depressão, tristeza, perda total da saúde, que já é frágil, um maior preconceito, afastamento das pessoas (familiares e amigos), vergonha, o que pode levar o idoso a se negar ao tratamento e, até mesmo, à morte mais rápida, como pode ser visto nos relatos abaixo:

“Se não se cuidar vai ter depressão”. (Entrevistada n° 11, 65 anos).

“Vai ter tristeza, depressão né, e não querer se tratar”. (Entrevistada n°17, 72 anos).

“Sofre muito preconceito, afasta as pessoas, e a saúde fica mais frágil”. (Entrevistada n°7, 65 anos).

Quando questionados se o idoso estaria mais vulnerável à infecção pelo vírus da AIDS, 25% responderam que sim e que essa vulnerabilidade estava ligada a falta de informação e a fragilidade na saúde que torna o idoso menos resistente às doenças, já 75% responderam que não, pois acham que todas as pessoas correm o mesmo risco de se contaminar pelo vírus do HIV. Abaixo seguem alguns relatos dos entrevistados:

“Sim devido a falta de informação, e o risco da infecção no idoso é maior”. (Entrevistada n°12, 67 anos).

“Sim, pela falta de informação né”. (Entrevistada n°18, 67 anos).

“Não, eu acho que um jovem tem muito mais facilidade de pegar essas doenças”. (Entrevistada n°11, 65 anos).

“Não, o idoso é mais cuidadoso do que os jovens né. Jovem não tem medo de nada já o idoso tem”. (Entrevistada n° 17, 72 anos).

“Não, todas as pessoas correm o mesmo risco de pegar”. (Entrevistada n°7, 65 anos).

Em um estudo realizado por Prilip¹¹, a autora relata que o aumento da incidência da AIDS em idosos está ligado essencialmente à falta de informações sobre a doença, além do

preconceito contra o uso de preservativos e ausência de ações preventivas voltadas para a terceira idade.

Por outro lado, para 100% dos participantes da pesquisa, um idoso com AIDS sofre mais preconceito, como demonstram as falas abaixo:

“Sim porque tudo para idoso as pessoas acham errado”. (Entrevistado nº10, 69 anos).

“Sim, só dele ter a doença já é um ponto negativo, ai se ele não souber explicar como pegou ai é pior ainda né”. (Entrevistado nº19, 70 anos).

“Sim devido a velhice eles acham que não pode pegar a doença”. (Entrevistada nº 18, 67 anos).

“Sim porque idoso sempre sofre mais, é mais discriminado”. (Entrevistada nº11, 65 anos).

Os relatos dos idosos estão ligados ao fato de que o idoso já é discriminado devido à idade, sendo assim, se ele tiver a AIDS vai se tornar um alvo ainda mais fácil do preconceito, uma vez que para os entrevistados as pessoas irão se questionar como que esse idoso veio a contrair o vírus.

CONCLUSÃO

Com este estudo buscou-se analisar as representações sobre a AIDS, considerando as percepções dos idosos participantes de um grupo para a terceira idade. A partir dos questionamentos feitos aos idosos entrevistados, foi possível perceber que estes já tinham ouvido falar sobre a AIDS. No entanto, apesar de apresentarem conhecimento a respeito da doença, foi possível compreender que para eles a forma de contágio estava ligada somente ao sexo e, por isso, alguns deles se sentiam seguros em termos de contágio, pois afirmaram que já não mantinham relação sexual. Além disso, existe a crença errônea de que somente os jovens estão mais vulneráveis a adquirir a doença.

As representações sobre a AIDS na terceira idade estão ligadas essencialmente a coisas negativas, o que nos mostra que para eles ainda é difícil assimilar a doença a coisas positivas, demonstrando limitada assimilação com aspectos positivos, como a descoberta dos coquetéis, o uso do preservativo, como forma de prevenção e controle da doença.

Assim, pode-se concluir que o aumento da incidência da AIDS na população idosa está ligado muitas vezes à falta de informações e a não prevenção, já que a forma predominante de contágio é a sexual. É comum pensarem que devido à idade essas pessoas não possuem vida sexual ativa, o que limita a prevenção. Dessa forma, cabe aos familiares e aos profissionais de saúde buscar alternativas que discutam abertamente sobre a doença, por meio de políticas públicas preventivas.

REFERÊNCIAS

1. Vasconcelos M F de, Matias R. B, Melo D. de A. C. de, Cunha F. C. G. Aids em Idosos: Produção científica em periódicos online no âmbito da saúde. In: III Congresso Internacional de Envelhecimento Populacional. Campina Grande, Paraíba, 2013.
2. Santos A. F. de M., Assis M. de. Vulnerabilidade das Idosas ao HIV/Aids: Despertar das Políticas Públicas e Profissionais de Saúde no Contexto da Atenção Integral: Revisão de Literatura. Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia. v.14, n.1, p. 147-158, 2011.
3. Sousa A.C.A, Suassuna D.S.B, Costa S.M.L. Perfil Clínico-Epidemiológico de Idosos com Aids. DST. Jornal Brasileiro de Doenças Sexualmente Transmissíveis. v.21, n.1, p. 22-26, 2009.
4. Souza L. P. S, Oliveira M. V. R., Silveira W. R. de M, Figueiredo M.F. S., Messias R. B., Silva J.R. da. Análise da clientela idosa portadora de HIV atendida em um centro ambulatorial em Montes Claros, Minas Gerais. Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia. v.15, n.4, p. 767-776. 2012.
5. Gomes S. F, Silva C. M.da. Perfil dos idosos infectados pelo HIV/Aids: uma revisão. Vitale. v.20, n.1, p. 107-122, 2008.
6. Laville C., Dionne J. A construção do saber: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas. Christian Laville, Jean Dionne; revisão técnica e adaptação da obra: Lana Mara Siman Porto Alegre: Editora Artes Médicas Sul Ltda; Belo Horizonte: Editora UFMG. 2008.
7. Torres Celeste Correia, Bezerra Valéria Peixoto, Pedroza Ariadne Pereira, Silva Luipa Michele, Rodrigues Tatyanni Peixoto, Coutinho Nychela Junaan Marques. Representações Sociais do HIV/AIDS: Buscando os Sentidos Construídos por Idosos. 2011. [acesso em 20 jun 2015]. Disponível em:
<http://www.seer.unirio.br/index.php/cuidadofundamental/article/view/1960/pdf_532>.

8. Lôbo Márcio Pereira. Vulnerabilidade ao HIV/AIDS: Representações Sociais de Idosos Residentes em Zona Rural. 2011, 95 f. Dissertação (Mestrado)- Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. Mestrado em Enfermagem e Saúde, Jequié, 2011.
9. Goffman, Erving. Estigma. Zahar Editores S.A. Rio de Janeiro. 2001.
10. Silva Margarete Moreira Coutinho e. Juventude Rural e as Representações Sobre a Aids. Dissertação. 2012. [acesso em 20 jun 2015]. Disponível em:
<<http://www.novoscurios.ufv.br/posgrad/ufv/posextensaorural/www/wpcontent/uploads/2013/09/Margarete-Moreira-Coutinho-e-Silva.pdf>>.
11. Prilip N.B.A. O pulso ainda pulsa: o comportamento sexual como expressão da vulnerabilidade de um grupo de idosos soropositivos. 2004. Dissertação (Mestrado em Gerontologia). PUC-SP, São Paulo, 2004.